Da denúncia à sala de aula: alegorias e elementos simbólicos em *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis

From denunciation to the classroom: allegories and symbolic elements in *Úrsula*, by Maria Firmino dos Reis

DOI: https://doi.org/10.21747/30517036/seb3a4

Fidel António José Fernando
Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil
fidelfernando696@gmail.com

Recebido: 29/12/2025
Aceite: 23/04/2026

RESUMO: O presente artigo analisa as alegorias e elementos simbólicos no romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, explorando o seu potencial pedagógico no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Parte de uma lacuna observada em sala de aula: os alunos revelam dificuldades em identificar e interpretar alegorias a partir do contexto, comprometendo a compreensão profunda do texto literário. Fundamentado em Ceia (1998), Furniss (1997, citado por Cardoso, 2016), Hansen (2006) e Compagnon (1999), a pesquisa adopta abordagem qualitativa, com análise de conteúdo. Os resultados confirmam a presença sistemática de alegorias que personificam morte civil, desumanização, virtude inalienável, resistência cultural e opressão estrutural, reforçando o carácter pioneiro da obra abolicionista. Em resposta ao problema, propõe-se sequência didáctica que conduz o aluno do reconhecimento guiado à produção autónoma.

PALAVRAS-CHAVE: alegoria; *Úrsula*; Maria Firmino dos Reis; literatura abolicionista; ensino da Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This article analyzes the allegories and symbolic elements in the novel *Úrsula*, by Maria Firmino dos Reis, exploring its pedagogical potential in the teaching and learning of Portuguese. It addresses a gap observed in the classroom: students reveal difficulties in identifying and interpreting allegories from the context, compromising a deep understanding of the literary text. Based on Ceia (1998), Furniss (1997, as cited in Cardoso, 2016), Hansen (2006), and

Compagnon (1999), the research adopts a qualitative approach, with content analysis. The results confirm the systematic presence of allegories that personify civil death, dehumanization, inalienable virtue, cultural resistance, and structural oppression, reinforcing the pioneering character of the abolitionist work. In response to the problem, a didactic sequence is proposed that leads the student from guided recognition to autonomous production.

KEYWORDS: allegory; *Úrsula*; Maria Firmino dos Reis; abolitionist literature; teaching Portuguese.

Introdução[13]

A alegoria, desde a Antiguidade Clássica, tem sido objecto de reflexão teórica por parte de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, entre outros, quer no que respeita à sua construção retórica, quer aos mecanismos de interpretação (Compagnon, 1999; Hansen, 2006). Na literatura contemporânea, especialmente em contextos pós-coloniais africanos e afro-diaspóricos, a alegoria revela-se um recurso estilístico privilegiado para veicular crítica social, resistência e reconfiguração identitária, como se observa em obras como "Ualalapi", de Ba ka Khosa, "Mayombe", de Pepetela ou "Ensaio sobre a Cegueira", de José Saramago. Nesse *continuum*, insere-se o romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, primeira obra ficcional abolicionista escrita por uma mulher negra no Brasil, publicado ainda em pleno regime escravocrata.

Apesar do reconhecido valor histórico e sociológico de *Úrsula*, a crítica literária tem dado pouca atenção às suas estratégias alegóricas e simbólicas, privilegiando quase exclusivamente a dimensão denunciatória do texto. No contexto escolar brasileiro, por exemplo, quando a obra é eventualmente trabalhada, o enfoque recai sobre o conteúdo temático da escravidão e raramente se explora o sofisticado jogo de alegorias que sustenta a própria mensagem abolicionista e humanizadora da autora. Essa lacuna constitui o problema central desta investigação: os alunos apresentam dificuldades recorrentes no (re)conhecimento e na interpretação de alegorias em textos literários, o que compromete a compreensão profunda da obra e o desenvolvimento de competências leitoras avançadas. Torna-se, pois, necessário responder às seguintes questões de pesquisa: (i) Como se configuram as alegorias e os elementos simbólicos no romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis? e (ii) Que estratégias didácticas podem ser construídas para promover o reconhecimento e

[13] Este artigo está escrito segundo o Acordo Ortográfico de 1945, norma vigente em Angola.

a interpretação dessas alegorias em contexto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa?

Nesse sentido, o presente artigo tem como objectivo geral analisar as alegorias e elementos simbólicos presentes no romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, explorando o seu potencial pedagógico no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Para alcançar esse objectivo, delineiam-se os seguintes objectivos específicos: 1) identificar e caracterizar as principais alegorias e elementos simbólicos no romance, explicitando o contexto narrativo e histórico em que ocorrem; 2) interpretar a função estética, ideológica e denunciatória dessas alegorias no interior da obra; e 3) propor uma sequência didáctica para o ensino de alegorias e recursos simbólicos, utilizando excertos seleccionados de *Úrsula* como *corpus*.

Metodologicamente, adopta-se uma abordagem qualitativa (Fonseca, 2012), com procedimento de pesquisa bibliográfica e análise documental da 2ª edição da obra. A interpretação dos dados será realizada por meio da análise de conteúdo, permitindo uma leitura aprofundada das alegorias à luz do contexto histórico e da intenção abolicionista da autora.

A relevância deste estudo reside no duplo contributo: (i) preenche uma lacuna crítica ao oferecer uma leitura estilística detalhada de *Úrsula*, destacando o pioneirismo estético de Maria Firmino dos Reis; (ii) oferece aos professores de Língua Portuguesa uma proposta didáctica para o ensino de figuras de linguagem a partir de uma obra seminal da literatura afro-brasileira, estimulando, em concomitância, aptidão de leitura e consciência histórica e racial.

Estruturalmente, o artigo organiza-se em três partes, além desta introdução. A primeira parte apresenta o marco teórico sobre alegoria e simbologia literária. A segunda procede à análise do *corpus*, identificando e interpretando as principais alegorias da obra. A terceira parte apresenta a proposta de sequência didáctica para o ensino de alegorias a partir de *Úrsula*. Finalmente, apresentámos a conclusão, seguida da bibliografia.

Alegoria: conceito, evolução e classificação retórica

A palavra "alegoria" tem origem grega: *allós* (outro) + *agourein* (falar na ágora), significando literalmente "falar de outra coisa" ou "dizer uma coisa por meio de outra". Etimologicamente, o grego *allegoría* substituiu o termo mais antigo *hypónoia*, que designava a significação oculta percebida nos mitos de Homero, com o intuito de tornar aceitável o que se tornara estranho ou de justificar o comportamento dos deuses (Ceia, 1998; Hansen, 2006). Toda alegoria

traz, pois, um código que autoriza a sua interpretação (Furniss, 1997, citado por Cardoso, 2016).

Entre os gregos e romanos, a alegoria era essencialmente linguística e convencional, regida pelas virtudes retóricas da clareza, brevidade e verossimilhança. Quintiliano definiu-a como "metáfora continuada", uma expressão retomada por diversos teóricos. Enquanto a metáfora opera como tropo lexical substituível por um único termo, a alegoria constitui um ornamento continuado que amplia o processo metafórico a expressões ou textos inteiros, mostrando "uma coisa pelas palavras e outra pelo sentido" (Ceia, 1998; Hansen, 2006).

Hansen (2006) sintetiza a alegoria como técnica de representar e personificar abstracções por meio da metáfora, retomando a posição retórica clássica do duplo sentido (literal e não literal). Um exemplo disso é a fábula de Esopo "O leão e a rã", citada por Ceia (1998): "um leão ouve o coaxar alto de uma pequena rã e, julgando tratar-se de um animal poderoso, avança e esmaga-a." Se substituirmos a rã pelo "Orgulho" e o leão pelo "Poder", a narrativa transforma-se em alegoria: personifica abstracções morais através de uma história com sentido duplo, exigindo do leitor a decifração de uma ilação moral mais profunda.

Na leitura de um texto alegórico, o leitor defronta-se com duas possibilidades principais: analisar apenas a significação figurada como convenção linguística ornamental ou pesquisar o sentido próprio pré-existente nas coisas, nos homens e nos acontecimentos, revelado pela alegoria. No presente estudo sobre alegoria e simbologia literária em *Úrsula*, opta-se pela segunda via, buscando o sentido próprio dos acontecimentos históricos da escravidão sem confundir facto e ficção, personagem e pessoa real (Hansen, 2006).

Ceia (1998) destaca que a alegoria se distingue do símbolo pelo seu carácter moral e por tomar a realidade representada elemento a elemento, não no seu conjunto. Muitas vezes definida como metáfora ampliada, a alegoria reporta-se a uma história ou situação com sentidos duplos e figurados, apresentando afinidades com a parábola e a fábula, e recorre, frequentemente, a personificações ou prosopopeias de noções abstractas, prática comum na literatura medieval. A decifração depende de leitura intertextual que identifique um sentido mais profundo de carácter moral, exigindo certo imobilismo do sentido para preservar a ilação moral pretendida.

Historicamente, o conceito de alegoria sofreu modificações significativas. No Classicismo, foi desprezada por alguns, mas serviu de instrumento central aos renascentistas florentinos do século XV para interpretar textos greco-latinos. Épocas posteriores passaram a ver a convenção como motivação, expressão de

substância própria que se revela enigmaticamente nas letras, sendo a alegoria, simultaneamente, facto natural e facto linguístico artificial. Os estudos actuais reconhecem as imagens poéticas como combinação de palavras, não de coisas, rejeitando a antiga tradução sensorial da alegoria (Hansen, 2006).

Dante considerava alegórica apenas a verdade escondida sob uma mentira; Agostinho, porém, defendia afastar toda mentira do ensino religioso, entendendo a alegoria menos como figura e mais como princípio de flexibilidade interpretativa. Essas perspectivas medievais, ao revelarem tensões entre verdade literal e interpretação figurada, antecipam ambiguidades persistentes na classificação estética da alegoria. Cavalcanti (2011), ao analisar alegorias em acção em contextos rituais e performativos (como no Boi Bumbá e no carnaval), enfatiza o seu carácter não apenas representacional, mas performativo e experiencial, capaz de produzir admiração e efeitos colectivos através de imagens plásticas e visuais que transmitem sentidos além do discursivo.

As figuras de estilo surgem do desvio deliberado da norma linguística com o objectivo de gerar novos efeitos expressivos. Desde a Antiguidade, a classificação da alegoria nas categorias estéticas tem provocado confusões. Nem Cícero, nem Quintiliano a fixaram definitivamente num único lugar, considerando-a ora figura de pensamento (ligada à invenção e à intenção), ora tropo (estilo ou metáfora prolongada). Tal flutuação decorria da visão clássica do tropo como "2º no lugar de 1º", pressupondo um núcleo estável da linguagem (Ceia, 1998; Compagnon, 1999; Hansen, 2006).

Hoje, a classificação varia conforme a perspectiva teórica, mas a mais aceite situa a alegoria na categoria estética da retórica. A sua construção exige procedimentos quantitativos: enquanto a metáfora é tropo lexical, a alegoria é ornamento continuado. Essa distinção mantém-se relevante na análise literária contemporânea, particularmente quando se exploram narrativas que, como em *Terra Sonâmbula,* de Mia Couto, utilizam o recurso alegórico para abordar contextos históricos complexos, como a guerra civil moçambicana, sem reduzir a ficção a mera ilustração documental (Sativa, 2018).

Corpus documental e referencial

Nesta secção, procede-se à análise de alguns excertos do romance *Úrsula* (Reis, 2018), com o objectivo de exemplificar e confirmar a presença de alegorias, conforme as perspectivas teóricas de Furniss (1997, referido por Cardoso, 2016) – que destaca o código inerente à alegoria que autoriza a sua interpretação, e de Hansen (2006) – que a define como personificação de abstracções por meio de metáforas contínuas, operando no duplo plano literal e figurado.

Análise do *corpus*

Um dos exemplos mais marcantes é a alegoria do navio negreiro como sepultura: "Meteram a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio" (Reis, 2018, p. 88). Nesse, o autor descreve o porão do navio como uma "sepultura flutuante", simbolizando a morte civil e social dos africanos que, apesar de estarem fisicamente vivos, chegam ao Brasil como indivíduos despojados de sua identidade e dignidade. Essa metáfora, conforme a definição de Hansen (2006), personifica a abstração da morte em vida, transformando o tráfico de escravos em um assassinato legitimado. O impacto dessa alegoria é profundo, pois provoca uma reflexão sobre a desumanização que acompanhava o comércio de seres humanos.

Outra alegoria significativa é a da animalização e inversão da barbárie: "Para caber a mercadoria humana no porão, fomos amarrados em pé" (Reis, 2018, p. 88). Esta descrição dos africanos amarrados e acorrentados como "mercadoria humana" revela um oxímoro que critica a desumanização jurídica e social. A comparação com "animais ferozes" não só animaliza os africanos, mas também inverte a hierarquia racial, expondo a verdadeira ferocidade dos colonizadores. Hansen (2006) destaca que essa alegoria desmascara a hipocrisia da civilização europeia, questionando quem, de facto, é o verdadeiro bárbaro.

A virtude inalienável e a máxima cristã traída também se destacam na obra. O personagem Túlio representa a *Humanitas cristã*, questionando a opressão e a injustiça: "Senhor Deus! quando calará no peito do homem a tua sublime máxima - ama a teu próximo como a ti mesmo" (Reis, 2018, p.18). Esta máxima "ama a teu próximo como a ti mesmo" é evocada para criticar a hipocrisia dos opressores, que ignoram os sentimentos de seus semelhantes. Essa alegoria é revolucionária, pois desafia o discurso racista de inferioridade moral do negro. Ao trazer essa reflexão para as aulas, os alunos podem conectar a literatura com questões éticas e morais, ampliando sua compreensão do papel da literatura na sociedade.

A alegoria do sangue africano como resistência é outra construção poderosa: "O sangue africano fervia-lhe nas veias" (Reis, 2018., p.18). O "sangue africano" que "referve" simboliza a identidade e a chama da liberdade, personificando a resistência cultural. Essa metáfora contínua, segundo Hansen (2006), evidencia a luta contra a opressão.

Por fim, a alegoria da morte como processo implacável revela a inexorabilidade do sofrimento: "(…) seu mal progredia, e a morte se lhe aproximava a passo lento e impassível, porém firme e invariável." (Reis, 2018, p.34). Aqui, a morte é personificada, representando a dor da escravidão como uma morte lenta e inevitável. Essa alegoria reforça a crítica à condição dos

escravizados, permitindo uma discussão sobre o impacto social, emocional e psicológico da escravidão. Ao explorar essa temática nas aulas, os alunos podem desenvolver uma empatia mais profunda em relação às experiências humanas retratadas no primeiro romance abolicionista do Brasil, que foi escrito por uma mulher negra, no século XIX. A autora, nascida em 1822, em São Luís (MA), é pioneira ao romper as barreiras impostas a mulheres negras num Brasil ainda escravocrata.

De modo geral, a análise dos excertos à luz de Furniss (1997, citado por Cardoso, 2016) e Hansen (2006) confirma a presença sistemática de alegorias que, por meio de metáforas contínuas e códigos interpretativos claros, personificam abstracções como morte civil, desumanização, virtude inalienável, resistência cultural e opressão estrutural. Tais construções não só enriquecem a dimensão estética de *Úrsula*, como potenciam a sua força denunciatória, consolidando a obra de Maria Firmina dos Reis como marco pioneiro da literatura abolicionista brasileira.

Proposta didáctica para o ensino-aprendizagem das alegorias servindo-se da obra literária Úrsula

Com vista ao cumprimento do objectivo geral do presente artigo, apresenta-se, a seguir, uma sequência didáctica, fundamentada na convicção de que a língua deve ser reflectida e analisada a partir do texto (Antunes, 2003; Buca, 2018, p. 41; Marcuschi, 2008, p. 21; Mesquita, 2005, p. 9). Essa proposta didáctica desenvolve múltiplas competências, por exemplo, pensamento crítico, reflexão ética, oralidade, produção escrita e compreensão leitora. Nessa linha, o professor assume o papel de mediador entre a actividade e o aluno, facilitando a construção partilhada do saber.

Sequência Didáctica: Do literal ao alegórico – leitura de Úrsula
Público-alvo: Ensino Secundário (10ª a 12ª classes)
Duração: 4 tempos de 90 minutos (pode ser adaptada)
Objectivos gerais da sequência
- Reconhecer alegorias em textos narrativos do século XIX.
- Distinguir sentido literal e sentido figurado/alegórico.
- Relacionar recursos estilísticos com a crítica social presente na obra.

1ª Etapa – Sensibilização

Actividade: Leitura expressiva pelo professor do excerto seguinte:

"Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos

e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão, fomos amarrados em pé e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa." (Reis, 2018, p. 88)

Pergunta orientadora (discussão oral):

O que mais vos chocou ou chamou a atenção nestas frases?

Objectivo: Criar empatia com o texto e preparar o terreno para a descoberta das alegorias.

2ª Etapa – Descoberta guiada

Actividade em grupo (folhas entregues aos alunos):

1. Circulem no excerto acima três expressões que não devam ser entendidas apenas ao pé da letra.

2. Para cada expressão, completem o quadro:

Expressão destacada	Sentido literal (o que diz directamente)	Sentido alegórico (o que realmente quer denunciar)
Nessa sepultura		
Mercadoria humana		
animais ferozes […] para recreio dos potentados da Europa		

Correcção colectiva com recurso ao quadro (o professor projecta ou escreve no quadro as respostas esperadas, justificando em linguagem acessível aos alunos).

3ª Etapa – Aplicação autónoma

Tarefa individual ou em pares:

Releiam o capítulo 1 da obra *Úrsula* (Reis, 2018, pp. 13-24).

Identifiquem, pelo menos, mais duas alegorias diferentes das trabalhadas em aula.

Para cada uma, preencham o mesmo quadro da etapa anterior e justifiquem por escrito (3-5 linhas) como a alegoria ajuda a denunciar a injustiça da escravidão.

4ª Etapa – Sistematização e produção

Actividade final (produção escrita):

Escrevam um texto dissertativo/argumentativo (15-20 linhas) intitulado "O que *Úrsula* me ensinou sobre a escravidão" no qual usem obrigatoriamente pelo menos duas alegorias que descobriram na obra, explicando-as ao leitor.

Avaliação:

- Participação nas discussões e preenchimento dos quadros;
- Tarefa de identificação autónoma;
- Texto final.

Pelo exposto, acreditamos que esta sequência permite passar da orientação docente à autonomia intelectual e produtiva, cumprindo os objectivos específicos da pesquisa: identificar alegorias a partir do contexto, compreender a sua função pedagógica e propor uma prática didáctica efectiva para o ensino da Língua Portuguesa com base na obra de Maria Firmina dos Reis.

Considerações finais

A presente pesquisa demonstrou que o romance *Úrsula*, publicado em 1859, por Maria Firmino dos Reis, constitui um marco estilístico e ideológico da literatura abolicionista brasileira. A análise dos excertos seleccionados, à luz das perspectivas teóricas de Furniss (1997, referido por Cardoso, 2016) e Hansen (2006), confirmou a presença sistemática de alegorias que, por meio de metáforas contínuas e códigos interpretativos claros, personificam abstracções como a morte civil, a desumanização, a virtude inalienável, a resistência cultural e a opressão estrutural. Estas construções alegóricas não só enriquecem a dimensão estética da obra, como potenciam a sua força denunciatória.

Deste modo, respondeu-se à lacuna inicialmente identificada: a dificuldade recorrente dos alunos em reconhecer e interpretar alegorias em textos literários, especialmente quando a abordagem escolar privilegia o conteúdo temático em detrimento dos recursos estilísticos. A sequência didáctica proposta, fundamentada na centralidade do texto como lugar privilegiado de reflexão linguística, oferece um percurso estruturado que conduz o aluno da mediação pedagógica à autonomia na produção de conhecimento, promovendo, ao mesmo tempo, competências leitoras avançadas, consciência crítico-histórica e étnico-racial.

O objectivo geral foi plenamente cumprido: analisaram-se as alegorias e elementos simbólicos presentes no romance *Úrsula* e explorou-se o seu potencial pedagógico no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Quanto aos objectivos específicos, (1) identificaram-se e caracterizaram-se as principais alegorias, explicitando o contexto narrativo e histórico em que ocorrem; (2) interpretou-se a função estética, ideológica e denunciatória dessas alegorias no

interior da obra; (3) propôs-se uma sequência didáctica, utilizando excertos seleccionados de *Úrsula* como *corpus* privilegiado para o ensino de figuras de linguagem.

Os resultados obtidos abrem caminhos para novas investigações. Tendo em conta que as obras literárias, em especial as do século XIX, não se entregam facilmente ao leitor, sobretudo ao leitor iniciante, sugere-se o desenvolvimento de estudos que articulem o ensino da alegoria com o treino sistemático da inferência ao longo de toda a escolaridade, relacionando texto, contexto histórico, mundo e experiência pessoal do leitor (Fernando, 2025). Será, igualmente, produtivo alargar a proposta didáctica aqui apresentada a outras obras fundadoras da literatura afro-brasileira e africana de língua portuguesa, bem como investigar a recepção efectiva desta sequência em contexto real de sala de aula, avaliando o impacto na compreensão profunda de textos literários e na formação de leitores críticos e conscientes da sua herança histórica.

Assim, *Úrsula* continua a falar (com a força da denúncia e a subtileza da alegoria) às novas gerações, provando que a literatura, quando bem mediada, permanece um instrumento insuperável de emancipação intelectual e humana.

Referências

Antunes, I. (2003). *Aula de português: Encontro & interação* (18ª reimp.). Parábola.

Buca, J. (2018). *Gramática no Texto-gramática nas aulas de Português em contexto Multilingue*. Editora templários.

Cardoso, M. M. (2016). A alegoria: Um berçário de metáforas. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, *10*(17), 168–180. https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52863

Cavalcanti, M. L. V. de C. (2011). Alegorias em acção. *Sociologia & Antropologia*, 1 (1), 233-249. https://doi.org/10.1590/S2238-38752011v1n1a10

Ceia, C. (1998). Sobre o conceito de alegoria. *Matraga*, (10). https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/alegoria

Compagnon, A. (1999). *O demônio da teoria: Literatura e senso comum* (C. P. B. Mourão, Trad.). Editora UFMG.

Fernando, F. A. J. (2025, novembro 7). A inferência como caminho para a leitura literária. *Jornal Pungo a Ndongo*, p. 15.

Fonseca, R. C. V. (2012). *Metodologia do Trabalho Científico*. IESDE S.A.

Hansen, J. A. (2006). *Alegoria: Construção e interpretação da metáfora*. Hedra; Editora da Unicamp.

Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual: Análise de gêneros e compreensão*. Parábola Editorial.

Mesquita, H. (2005). *Manual do professor: Língua portuguesa – 7ª classe*. Texto Editores.

Reis, M. F. (2018). *Úrsula* (2ª ed.). Cadernos do Mundo Inteiro. https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf

Sativa, D. T. (2018). *Alegorias da Guerra Civil de Moçambique (1976-1992) no Romance Terra Sonâmbula, de Mia Couto*: *Propostas de estratégias pedagógicas para a utilização da obra*. (Monografia de conclusão de curso em Ensino da Língua Portuguesa), ISCED, Luanda/Angola.